

## Revolução e evolução

**Léon Metchnikoff**

Tradutor: Breno Viotto Pedrosa

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6417>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.6417

ISSN: 2316-7793

**Editora:**

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

**Refêrencia eletrónica**

Léon Metchnikoff, «Revolução e evolução», *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 13 | 2020, posto online no dia 06 novembro 2020, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6417> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6417>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Revolução e evolução

Léon Metchnikoff

Tradução : Breno Viotto Pedrosa

---

## NOTA DO EDITOR

Texto originalmente publicado na *The Contemporary Review* (n. 50, 1886, pp. 412-437). Fundada por Alexander Strahan em 1866, em Londres, *Contemporary Review* foi uma revista trimestral destinada a promover o pensamento independente sobre temas culturais e políticos em sua época, quando o mercado editorial era ainda dominado por publicações conservadoras e religiosas. Para tanto, valorizava contribuições embasadas no racionalismo e em teorias científicas modernas, tal como aquela enviada por Léon Metchnikoff. A revista logo ganhou reconhecimento como fórum de discussões intelectuais e foi uma das primeiras na Grã-Bretanha a conceder espaço para as artes (Nota do Tradutor). Confira neste mesmo número da *Terra Brasilis* a apresentação elaborada por Federico Ferretti <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/6373>>.

## I.

- 1 A mais notável conquista intelectual de nossos dias é, talvez, a descoberta da grande lei de unidade e continuidade da vida, geralmente denominada lei da evolução. Não apenas os mais remotos ramos do conhecimento, – como, *e.g.*,<sup>1</sup> física e psicologia, ou química e política – estão conectados a ela em um todo harmônico e sistemático; mas, também por ela, realizou-se a união entre ciência e filosofia pela qual as mentes mais claras de eras anteriores ansiavam em vão. A disputa secular entre idealistas e materialistas acaba sobre a base sólida da doutrina evolucionária, onde cada ciência se torna filosófica sem se render a qualquer metafísica ou conceito *a priori*; enquanto, na contramão, nossas indagações psicológicas e éticas adquirem uma base firme, precisão e acurácia científica assim que tocadas pelo espírito vivificador dessa teoria.

- 2 Desde que nós admitimos a unidade da vida, e desde que consideremos os fenômenos cósmicos, apesar de sua maravilhosa diversidade aparente, apenas como várias manifestações ou graus consecutivos de uma evolução, nós somos compelidos a inferir que nossos métodos de conhecimento político ou histórico deveriam ser essencialmente idênticos àqueles geralmente predominantes nas pesquisas físicas ou biológicas. Especulações metafísicas sobre assuntos sociais, as quais se deleitavam os maiores filósofos dos séculos anteriores, perdem seu lugar para a mente cética de nossa era, e mesmo o empirismo econômico de Adam Smith, Malthus e Ricardo, torna-se inadequado à demanda moderna pelo conhecimento positivo das leis naturais que permeiam a evolução das sociedades humanas. A sociologia, *i.e.*,<sup>2</sup> uma estrita expressão científica dessas leis, é considerada atualmente como uma parte integral, como o necessário “*couronnement de l’édifice*” de uma concepção metódica do mundo. O próprio nome sociologia foi criado *ad hoc* por Comte, que se considerava como fundador desse *Novum Organum* ou Evangelho da moderna regeneração intelectual.
- 3 Em sua classificação das ciências, baseada em sua crescente concretude e especialidade, ele afirma que a ciência, ainda que essencialmente em oposição à metafísica e à teologia, poderia ser dividida em ramos ou ciências em uma concepção mais restrita do termo, cada uma delas correspondendo a uma série bem definida, em um número que ele fixou em seis, como segue, primeiro, Matemática; segundo, Astronomia; terceiro, Física; quarto, Química; quinto, Biologia; e sexto, Sociologia.
- 4 Sem insistir acerca do número dessas divisões ou em seu valor filosófico, eu considerarei apenas os limites da sociologia como eles foram traçados pela mão do patriarca francês de uma estranha mistura de conhecimento e fé (“Catolicismo *menos* Cristo e *mais* erudição”, como foi concebido), os quais ainda dominam tantas mentes sob o nome de Filosofia Positiva, cujas peculiaridades são decorrentes em parte do estado deprimido de sua saúde quando escreveu seus mais importantes trabalhos sociológicos, e em parte, talvez, aos caprichos pedagógicos nativos.
- 5 De acordo com Comte, a sociologia poderia ser uma ciência, por assim dizer, exclusivamente humana. Fatos sociais podem ser comuns na vida de animais, e mesmo das plantas, mas ele roga aos sociólogos de sua escola para não prestar atenção a isso. Enquanto outras ciências são cultivadas em prol da verdade, Comte considera que a sociologia deveria ser aprendida apenas em prol da moralidade humana. Quanto aos métodos da pesquisa sociológica, ele admitiu nos seus primeiros escritos que poderiam ser similares aos métodos estritamente científicos da observação e da indução, mas logo recuou na admissão e declarou que a análise cética não deveria entrar nos recintos sagrados, sendo apenas a síntese digna de tal estudo elevado. Assim, ele criou voluntariamente um abismo entre ciência e sociologia.
- 6 Referindo-se aos limites e ao objeto da sociologia, as afirmações do grande fundador da filosofia positiva francesa parecem, em certos aspectos, mais dignas de aceitação. Selecionando, arbitrariamente, o indivíduo humano como ponto de partida de suas pesquisas, ele observa que apenas uma parte de nossa atividade está baseada em instintos egoístas oriundos da necessidade de nutrição ou preservação pessoal em geral: essa parte, incluindo nossos processos psicológicos superiores, pertence ao domínio biológico. A sociologia inclui a lembrança de – *viz.*,<sup>3</sup> aquela parte da atividade humana que não está baseada na autossatisfação individual, mas naquilo que ele chama de instintos *altruístas*, supondo que eles são inerentes a todos os seres vivos. As raízes psicológicas do *altruísmo* são percebidas na atração sexual, o resultado natural da

associação de um macho e uma fêmea para a preservação da espécie, – e não uma finalidade pessoal para qualquer um deles.

- 7 Um psicólogo observaria, primeiro, que Comte usa a palavra “instinto” em um sentido que não é muito claro e é inteiramente não científico; – de acordo com pesquisas modernas,<sup>4</sup> nós agimos “*instintivamente*”, *i.e.*, inconscientemente, o que anteriormente nós fizemos conscientemente, e assim considerar um “instinto” como um *primum movens* parece algo como “a força purgatória do ruibarbo”; – em segundo lugar, a distinção que ele faz entre instintos egoísticos e altruístas é superficial. De um ponto de vista subjetivo, é óbvio que se eles agem sob o impulso sexual da atração ou sob o da fome, os indivíduos visam meramente a satisfação da vontade fisiológica (egoística); seus resultados objetivos não são essencialmente diferentes como Comte pretende: a fome, assim como a atração sexual, é capaz de mover homens e animais – em alguns casos à luta, em outros à cooperação. Se ele não tivesse excluído a vida social dos animais do campo de sua sociologia humanitária, ele poderia facilmente perceber que as associações por comida ou por autodefesa têm geralmente um caráter mais social que a primitiva aliança conjugal para progenitura.
- 8 Mesmo assim, o maior, talvez o único valioso serviço prestado por Comte à ciência social esteja na clara distinção que ele fez entre os domínios biológicos e sociais, quando ele se referiu à sociologia apenas como agregação de indivíduos baseada na *cooperação*, consciente ou inconsciente, e deixou os agrupamentos baseados na luta para a biologia. Assim, eu posso dizer, ele abriu a porta da verdadeira ciência social sem entrar no seu recinto e, infelizmente, eu devo acrescentar, enganando seus seguidores com afirmações errôneas quanto à inevitável subjetividade dos métodos do conhecimento social. Eu insisto no serviço valoroso; essa notável definição dos limites e do objeto da sociologia aparece, por assim dizer, imersa em meio a inúmeras peculiaridades de seu sistema total, e nenhum de seus admiradores, ortodoxos ou cismáticos, se preocuparam ao fim e ao cabo em a extrair tal posição dos seus volumes de leitura difícil.

## II.

- 9 Devido a seu restrito reconhecimento do princípio da unidade da Natureza, Comte parece, de qualquer forma, um precursor pouco provável do moderno evolucionismo científico. Buscando por um compêndio mais completo e metódico dessa teoria, nós temos que cruzar o Canal e nos aproximar dos “Primeiros Princípios” de Herbert Spencer, e seus vários outros valiosos ensaios sobre ética, política e outros temas sociológicos. Nenhuma mente poderia perceber a unidade da Natureza com mais perspicácia que Herbert Spencer, e nenhuma caneta poderia descrevê-la com tanta nitidez e fascinação como a sua. Enquanto a ciência de Comte, sempre atrás de sua época, aparece como um mosaico de seis peças dispersas – e o autor toma um estafante cuidado para nos fazer sentir as lacunas que ele supõe realmente existir entre elas –, a ciência de Spencer em mais de um ponto toma como partida a erudição dos especialistas modernos, que é inteiramente viva e harmoniosamente una, de acordo com a unidade da Natureza.
- 10 No sistema de Spencer, como no de Comte, a sociologia aparece no topo da série científica, mas com ele o pináculo do conhecimento está real e solidamente conectado com a estrutura. Apesar de sua maior complexidade, os fenômenos sociais são

essencialmente idênticos àqueles da vida cósmica inferior. Sociologia, para Herbert Spencer, é uma ciência física assim como outras, que não requer métodos sintéticos ou subjetivos peculiares, e seu objetivo não pode ser outro senão a redução das leis específicas da vida social às leis universais do movimento.

- 11 Passando para a delimitação do domínio sociológico e para a definição do objeto dessa ciência para Herbert Spencer, eu devo observar que esses assuntos, no evolucionismo moderno, apresentam um grau de complicação que Comte evitou pelo isolamento artificial criado para a sociologia em seu sistema filosófico. A ciência natural nos ensina que a associação é a lei de toda existência. O que nós usualmente chamamos sociedade no discurso comum é apenas um caso particular dessa lei geral. Um ser, se social ou não, nunca é absoluto, indivisível; mas essencialmente comparativo e múltiplo, resultado da ação de um número de forças convergentes em um ponto.
- 12 Sistemas políticos e sociais se referem ao “indivíduo” e à “sociedade”; mas o ponto em que o indivíduo acaba e a sociedade começa nunca foi fixado com precisão. Os mais proeminentes botânicos e zoólogos, que lidaram com esse assunto para seus próprios propósitos técnicos, foram levados a reconhecer vários graus de individualidade: nós podemos considerar cada indivíduo como um todo, ou uma pessoa, em comparação com os indivíduos em um grau abaixo dele; mas quando nós o comparamos com indivíduos de grau superior, logo perde sua personalidade e ele aparece como uma parte, um membro ou um órgão. Existem miríades de plantas (*algae*) e animais (*infusoriae*), que são classificadas monocelulares e que, de fato, são consideradas como constituídos por um único elemento orgânico ou célula, apesar de sua estrutura anatômica aparecer, algumas vezes, muito complexa e perfeita a seu estilo peculiar. Mas células orgânicas quase idênticas a essas formam também agregações ou associações, mais ou menos compostas; e tais grupos de células ainda vivem independentemente, desdobramento de sua própria individualidade botânica ou zoológica, ou entram, na forma de texturas e órgãos, na composição de outros seres individuais ainda mais superiores. Os homens, como outros *mammalia*, são, de fato, associações de tais colônias de células. Nossa tendência inveterada de nos considerarmos como um fim e um centro de criação nos faz propensos a prejudicar que nossa individualidade é a única genuína.
- 13 Difícilmente seria possível revisar em poucas linhas a notável pesquisa sobre os vários graus de individualidade vegetal e animal de Nägeli, Virchow, Huxley, Haeckel e muitos outros; e está além da minha competência resolver se a individualidade absoluta, *i.e.*, indivisibilidade morfológica, pode ser concedida às células – como foi afirmado até os últimos anos pela maioria dos estudiosos autorizados – ou se as próprias células orgânicas consistem de elementos individualizados (*plastídios*) ainda mais primordiais. Mas isso não está conectado intimamente com o principal objeto do presente ensaio e os biólogos estão hoje em desacordo sobre o ponto. Eu devo apenas observar que o grande De Candolle distinguiu seis graus de individualidade apenas para plantas; Schleiden reduziu esse número para três (a célula, o broto e o *cormus* ou *stock*), enquanto Haeckel, de novo, dobrou esse número. Para sintetizar, nós podemos admitir a classificação mais recente (de 1883) proposta por um jovem pesquisador italiano, M. Cattaneo,<sup>5</sup> que, considerando a questão de um ponto de vista zoológico, fixou o número dos graus de individualidade em quatro, como segue: 1. *Plastídios*, *i.e.*, células ou quaisquer outros elementos primordiais, depois de dividir o que não obtemos de um ser de qualquer tipo, mas mera matéria orgânica amorfa; 2. *Méridas*, *i.e.*, colônias de plastídios; 3. *zoïds*, *i.e.*, indivíduos que são autônomos no que diz respeito à sua

preservação individual, mas que são obrigados a se unir com outros indivíduos da mesma série para a preservação da espécie (como animais superiores e homens); e 4; *dems, i.e.*, colônias de *zoids*: casais conjugais ou pares, famílias, tribos e sociedades.

- 14 Assumindo que o próprio objetivo da sociologia é a investigação das leis naturais que regulam as conexões entre indivíduos e sociedade, é óbvio que, antes de abordarmos os estudos sociológicos, nós mesmos devemos responder à questão preliminar – qual dos vários graus de individualidade mencionados acima são aceitos como o ponto de partida de nossas pesquisas; ou, em outros termos, onde deveria começar propriamente o domínio da ciência social?
- 15 Para Comte, a vida social começa assim que dois indivíduos da série dos *zoids* (ele diz explicitamente, homem e mulher) se unem em um par conjugal, o resultado dessa união é o surgimento de um *dem, i.e.*, um indivíduo composto de uma espécie superior. Assim ele nos pede para olhar para o objeto da sociologia, não no fato material de uma agregação, mas no *consenso* ou convergência de forças representadas pelos indivíduos que se unem, visando um fim que não é pessoal para nenhum deles. Nesse sentido, seu ensinamento parece ser de significância capital para o progresso real da ciência social. Mas esse sentido pode ser obtido apenas do espírito de sua doutrina, não de sua literatura; e o grande filósofo foi mais que uma vez falso em suas próprias premissas. Parece que Comte não estava totalmente consciente da extrema dificuldade de postular em um senso científico o ponto em que a vida individual se torna social, e vemos como, antecipadamente, o evolucionista inglês – eu digo Herbert Spencer – saiu do redemoinho onde o navio do positivismo francês naufragou com toda a tripulação a bordo.
- 16 Em seu “Princípios de Sociologia”, Herbert Spencer presta um pouco mais de atenção a essas questões preliminares que diz respeito aos limites e às leis específicas da sociologia; e nós somos compelidos a voltar assim como nos “Primeiros Princípios” &c.<sup>6</sup> para obter um conhecimento de como essas questões são respondidas por seu sistema. Isso é lamentável, não tanto por causa do inconveniente prático de examinar vários volumes sobre assuntos indiretamente conectados com o objeto de nossas pesquisas, mas muito mais para perceber a impossibilidade de revisar sumariamente um trabalho tão monumental nas poucas páginas deste ensaio.

### III.

- 17 Para o positivismo francês, a sociologia surgiu bastante isolada do conhecimento genuíno por um abismo que Comte afirmou ser insondável. Com a escola científica moderna, o perigo vem mais do lado oposto, e a sociologia é ameaçada, por assim dizer, de ser incorporada ou absorvida pela zoologia.
- 18 De fato, para os botânicos e zoólogos isso se deve à descoberta capital do inquestionável fato de que (com a única exceção dos microrganismos inferiores) organismos são sociedades. Se nós arbitrariamente reservamos a designação de sociedade exclusivamente aos *dems* da classificação de M. Cattaneo, nós ainda não poderíamos sair desse empecilho por uma restrição antropomórfica (*i.e.*, anticiência). Um “organismo é uma sociedade” – essa grande tese sensacional é imposta às nossas mentes mais e mais com cada novo avanço da ciência natural; enquanto, por outro lado, o principal sociólogo dos últimos anos, iniciando de seu ponto de vista mais ou menos sintético, chega à conclusão que a “Sociedade é um organismo”.<sup>7</sup> A grande lei darwinista da luta

pela vida, que é a lei específica da biologia evolucionista, desempenha um papel cada vez mais proeminente nos recentes escritos sociológicos e o próprio objeto da ciência social parece estar quase dissolvido no vasto domínio da biologia.

- 19 Tal concepção zoológica da tarefa e método da sociologia parece prevalecer mais especialmente na Alemanha. Seria quase impossível citar os títulos dos mais ou menos eminentes trabalhos publicados nesse país erudito com o objetivo de nos dar um compêndio do conhecimento social baseado no princípio darwinista da luta pela vida e, conseqüentemente, da seleção natural. Eu acho que o ápice do notável renascimento filosófico foi alcançado com o “Manual de Zoologia”, publicado há alguns anos pelo reconhecido biólogo alemão M. Jaeger. Nesse importante livro, nós encontramos os fenômenos sociológicos fundamentais explicados em poucas páginas, intituladas “Teoria das individualidades biológicas” e o necessário complemento em “Teoria das individualidades morfológicas”, *i.e.*, individualidades incluídas no esquema de uma mera classificação zoológica.
- 20 M. Jaeger distingue três graus consecutivos de individualidade biológica, começando com a *casal conjugal*, ou *par*, passado pelo estágio intermediário de uma família e, finalmente, elevando-se à mais alta fase de sua evolução na forma dos *Estados*. Com propósito de síntese, eu devo passar por cima das descobertas de M. Jaeger que se referem às individualidades *primárias* (par conjugal) e *secundárias* (família) e ir diretamente ao mais interessante grupo político ou ordem das sociedades, as quais M. Jaeger explica como segue:

§ 220. O indivíduo biológico terciário, formado dos secundários, é o *Estado*. Ele é caracterizado pela divisão do trabalho entre os membros da comunidade, e isso às vezes leva a uma diferenciação morfológica; cada especialidade de trabalho toma o nome de um *negócio* [*trade*]. Essa espécie de individualidade biológica é observada apenas em alguns insetos (cupins, formigas e abelhas) e nos homens. Os dois casos são distinguidos estritamente pela formação de Estados:

(a.) O Estado é formado pelo aumento numérico de uma família por reprodução: isso é o que chamamos de ‘Estado por Geração’. A forma inferior dela é o ‘Estado Sexual’, e a forma mais elevada, própria apenas do homem, é o ‘Estado Nacional’.

(b.) O Estado é formado por uma agregação de indivíduos não-conectados por laços de consanguinidade próxima, e que variam consideravelmente entre eles. Um Estado desse tipo pode ser encontrado apenas entre homens, e é chamado *internacional* ou *agregado* (Estados Unidos da América ou Suíça).

Os ‘Estados por geração’ são os mais naturais porque o princípio regulador de toda organização – *viz.*, ‘Subordinação’, está na presença de seus ancestrais de vários graus. O ‘Estado por agregação’ encontra mais dificuldades de organização porque seus membros são, no início, meramente ‘coordenados’, e o princípio da categoria superior [*seniority*] existente é nulo e vazio. A evolução desses ‘Estados por agregação’ apresenta os seguintes estágios:

(a) Estado *Bipartido* (*Parteistaat*) – *e.g.*, Estados Unidos – força externa, mas fraqueza interna; cidadãos sofrendo perpetuamente com insegurança.

(b) *Oligarquia* – soberania senhorial exercida, em princípio, por uma aristocracia do dinheiro, que, por herança, é transformada em aristocracia por nascimento, o que se chama *Patriciats* (Repúblicas Clássicas, Suíça). Quando tal Estado não perece prematuramente, ele atinge a fase da tirania, e depois disso seguirá o curso da extinção.

§ 221 – Em oposição ao anterior, e muito acima disso, encontramos o Estado por geração formado por famílias *cefálicas* (têm um chefe) em que todos os membros estão unidos por laços de consanguinidade. Deparamo-nos com essa forma de Estado entre homens e entre animais, e podemos dividir os vários estágios de sua evolução como segue:

1. ‘Estado sexual’, consistindo em duas operações: a *reprodutiva* (indivíduos sexuais) e o comércio do *trabalho* (indivíduos assexuais), o primeiro assegurando a preservação da espécie e o segundo a preservação dos indivíduos.

2. ‘Estado com Escravos’ (*Sklavenstaat*) é uma forma secundária e superior do Estado por geração e uma consequência do Estado Militar que, por pilhagem, incorpora em si um número de indivíduos não conectados consigo por laços de consanguinidade; mas tais indivíduos não são, como nos Estados agregativos, apenas coordenados, e assim capazes de controlar a organização, mas subordinar....(Roma antiga e os Estados formados por várias formigas).

3. ‘Estado de propriedade’ é uma sequência imediata do anterior. Enquanto o servilismo consiste na incorporação de indivíduos que podem ter conexões sexuais com seus mestres, a propriedade é o acréscimo de espécies animais com os quais essas conexões são impossíveis (animais domésticos em Estados pastorais ou Estados agricultores quando vegetais e plantas cultivadas são introduzidas).

Nós enumeramos as várias formas de Estado apresentadas por animais. O desenvolvimento posterior desses organismos, sendo próprios apenas ao homem, está além de nossa seara; devemos acrescentar, entretanto, que o mais elevado estágio que pode ser alcançado por uma sociedade – Monarquia Constitucional – é própria exclusivamente ao período *nacional* do ‘Estado por geração’, enquanto a ‘agregação’ pode levar apenas a formas menos elevadas (República, Federação ou Despotismo).

- 21 Eu desejo sinceramente que essas páginas surpreendentes sejam gravadas em placas de mármore e postas no gabinete de cada filósofo Darwinista descomedido: talvez prestasse-lhes o valoroso serviço que os pais Espartanos esperam da performance de um Hilota intoxicado ao dar moralidade a seus filhos. Entretanto, eu peço aos meus leitores que prestem atenção ao fato de que os parágrafos citados acima não se referem a nenhuma peculiaridade pessoal do autor, mas que eles são logicamente consistentes com a concepção zoológica do objeto da sociologia que cresce, a cada ano, mais predominantemente não apenas na Alemanha, mas em todo lugar, e cujos membros dentre seus seguidores têm a mais inquestionável iminência filosófica. Esse é, por exemplo, o caso do ex-pastor [*minister*] austríaco M. Schaeffle, cujo “*Bau und Leben des Socialen Körpers*” dificilmente pode ser ignorado por qualquer estudante moderno de temas sociais. O princípio fundamental que permeia o estudo é a identidade essencial do objeto da sociologia com seres orgânicos. Se essa tese capital for verdadeira, ninguém pode dizer qual limite poderia ser razoavelmente fixado entre ciência social e zoologia, e assim eu não sou capaz de perceber por que M. Jaeger não põe a Monarquia Bismarquiana e sua *Kulturkampf*<sup>8</sup> no topo de uma classificação zoológica.
- 22 Eu poderia explicar a eminente posição mantida por Herbert Spencer sobre a questão preliminar da sociologia ao dizer que ele se posiciona num *juste milieu* entre a concepção humanitária de sociologia de Comte e a da escola moderna, saltando audaciosamente sobre todas as dificuldades políticas e morais, e confiante de que o grande princípio da “luta pela vida”, tão brilhantemente presente em todos os domínios da biologia moderna, é também a única chave necessária para os mistérios da vida social e do conhecimento.
- 23 Desde que seus “Primeiros princípios” apareceram, encontramos Herbert Spencer entre os primeiros que proclamaram com a requisitada competência científica que a sociedade pode ser considerada como um ser vivo. A partir dessa tese capital, ele sempre delinea o melhor de seus argumentos direcionados contra os “metafísicos revolucionários”, *i.e.*, contra aqueles que, confiando na filosofia social do século passado, e especialmente em Rousseau, estimaram que o “Contrato Social” – uma mera

criação das ações humanas conscientes – pode ser feito e desfeito à vontade e a qualquer tempo, por decreto de um governo regularmente existente em dias pacíficos ou por um Comitê revolucionário de Segurança Pública.

- 24 Desde o tempo de Menênio Agripa a sociedade foi frequentemente comparada com um corpo vivo e o termo “organismo social” insensivelmente, há tempos, adquiriu direito de cidadania na linguagem das nações civilizadas. Mas quando Herbert Spencer ensina que a sociedade é um organismo e que ela “cresce”, ele não presta nenhum tributo ao estilo metafórico, nem suas palavras pretendem ser alegorias. Em seu “Princípios de Sociologia” essa parte de seu programa filosófico é tocado levemente, de certa maneira que pode, talvez, não parecer suficientemente convincente àqueles que não conhecem o amplo desdobramento de seus escritos anteriores. Eu não sei se, fazendo isso, Herbert Spencer foi inspirado apenas por uma apreensão natural de repetir suas afirmações anteriores, ou pelo fato de sua teoria orgânica da sociedade estar em nossos dias já admitida mesmo além dos limites, que ele próprio acharia desejável. Seja como for, após ter indicado a analogia entre sociedades e organismos vivos, ele nos adverte que a analogia, mesmo assim, não corresponde a uma identificação completa; e, a partir de seus argumentos anteriores, ele cita novamente os dois principais. Sociedade, ele diz, é um organismo vivo, mas ela ainda não pode ser confundida com organismos biológicos: primeiro, porque ela é *discreta* enquanto plantas e animais são *concretos*; e, segundo, porque sua sensibilidade não está concentrada em um sensorio específico, mas cada um de seus membros é capaz de prazer e sofrimento por conta própria, todos no mesmo grau ou aproximadamente. Assim, ao lidar com organismos zoológicos, nós temos que considerar apenas o benefício do todo, enquanto no domínio sociológico devemos considerar especialmente o benefício das partes. Embora ele acrescente que essas restrições são mais uma digressão do que parte de sua matéria de análise, mesmo assim, na minha opinião, elas justificam amplamente que não façamos o Sr. Spencer responsável pelas descobertas surpreendentes de um M. Jaeger.

#### IV.

- 25 Passando para a parte pragmática da sociologia de Herbert Spencer, nós vemos claramente que ele sustenta uma posição mais próxima da definição de Comte dessa ciência do que da escola zoológica, que nós, por questão de síntese, definimos alemã, apesar de reconhecermos membros também em outros países.<sup>9</sup> Herbert Spencer não é tão rigoroso como Comte ao proscrever as sociedades animais de sua província sociológica, em teoria; mas, praticamente, ele começa a descrição ou a parte concreta de seu trabalho exatamente no ponto em que o positivismo francês deseja iniciar – viz., com o surgimento da família humana.
- 26 Que a família é a célula elementar da sociedade é um lugar comum; mas existem muitos lugares comuns que são bastante questionáveis. Se a vida animal for considerada, então é óbvio que ela não é uma organização social propriamente dita – *i.e.*, nenhuma associação econômica, política ou de outro tipo, poderia surgir do núcleo sexual ou familiar, desde que vejamos uma boa dose de cooperação entre animais cujas condições matrimoniais não exibem ao menos permanência ou organização. Lobos, por exemplo, pressionados pela fome, formam vastas sociedades cooperativas para caça, com divisão do trabalho notavelmente avançada, embora não encontremos vida familiar entre eles. Cavalos selvagens vivem em promiscuidade sexual sem laços, mas eles, mesmo assim,

formam bandos perfeitamente organizados com “coordenação” e “subordinação”. Por outro lado, grandes *felidae* (e.g., leões) formam famílias monogâmicas permanentes, não admitindo divórcio ou separação, mas ainda eles podem ser classificados tipicamente como insociáveis, e esse é também o caso dos *Gorillas*, apesar desses macacos antropomórficos terem uma família poligâmica altamente organizada. Vários exemplos poderiam ser facilmente obtidos do clássico trabalho de Brehm (“Thierleben”), Houzeau (“Faculté intellectuelles des animaux comparées à celles de l’homme”) e muitos outros. Um jovem acadêmico francês, M. A. Espinas<sup>10</sup> afirma quase corretamente que existe antagonismo mais do que filiação entre sociedade animal e família; e esta declaração notável explica a lógica biologicamente: onde não existem famílias, os jovens seriam criados com dificuldades, onde eles não são protegidos por uma organização de um mais amplo tipo social – viz. por algum tipo de sociedade política.

- 27 O progresso moderno dos estudos etnológicos de jeito nenhum confirma a suposição de que, entre homens, a vida social deve começar com a constituição de uma família, que é geralmente considerada como a escola natural da subordinação. Claro, nós sabemos que alguns aborígenes Australianos, Patagônicos e outros povos destituídos, que possuem organizações políticas escassas, ou nenhuma organização, aproveitam os benefícios da subordinação patriarcal a tal ponto que suas esposas são sempre espancadas e não raramente comidas. Mas, contra esse exemplo, temos o contrário – viz., organizações econômicas e políticas coexistindo com promiscuidade sexual – que pode ser citado numerosamente.<sup>11</sup> Isso pode ser observado pela informação etnológica, tanto quanto com quadros estatísticos, que podem ser facilmente compelidos a testemunhar a favor ou contra qualquer tese filosófica que queiramos, até subordiná-las a um rigoroso sistema metodológico. Eu não vou, portanto, adicionar mais exemplos, mas apenas pontuar que na ilha do Ceilão, onde os selvagens Veddas do interior, dominando quase todas organizações sociais, no entanto, apresentam uma família permanente com subordinação patriarcal; enquanto, por outro lado, os civilizados Cingaleses ou povo de Malabar, apesar de suas economias altamente avançadas e condições políticas, ainda preservam uma das mais rudimentares formas de conexão sexual – viz. poliandria. Eu estou propenso a pensar que este único exemplo da ilha de Ceilão, se devidamente investigado, demonstraria que o antagonismo entre família e sociedade, notado por A. Espinas especialmente entre pássaros, é também a sina dos homens.
- 28 Além disso, ao revisar os célebres escritos de Maine, Morgan Lubbock, Bachofen, Giraud-Teulon, Élie Reclus e outros, nós não podemos evitar a conclusão de que a promiscuidade sexual mais ou menos restrita – viz. heitarismo sem laços, poliandria, casamentos coletivos como os ainda existentes entre várias tribos do Sul da Ásia,<sup>12</sup> o *hrub* ou o ‘*frank-quarter*’ dos árabes Hassanianos,<sup>13</sup> § &c. – precedeu em todo lugar a organização da família baseada na subordinação das esposas. Devemos nos perguntar quem regulou ou restringiu a promiscuidade primordial sem laços, já que a família não existe nesses lugares? E eu não vejo como nós podemos ajudar a chegar à conclusão de que algumas organizações sociais devem ter existido naquela promiscuidade, ou seja, nos tempos pré-familiares. De fato, apenas um poder regular coletivo pode evitar que as fêmeas sejam monopolizadas pelos mais fortes da tribo, e assim evitar que a promiscuidade primordial seja transformada diretamente em uma família patriarcal do conhecido tipo bíblico, sem passar pelos vários graus intermediários.
- 29 A pequena digressão feita acima pretendia demonstrar que não há razão, seja qual for, para começar a sociologia com a constituição da família. Comte aludiu a tal início em

- sua bem conhecida afirmação, de que a sociologia é a ciência dos instintos *altruísticos* que, ele supôs, estavam baseados na organização sexual de nossa espécie. Herbert Spencer não afirma suas razões para seguir a esse respeito seu predecessor francês. Assim, sua posição particular entre o humanismo de Comte, de um lado, e a escola zoológica da “luta pela vida” na ciência social, permanece incerta de alguma maneira.
- 30 De fato, M. Schaeffle insinua que o grande líder do evolucionismo britânico deveria, logicamente, pertencer à escola que não admite limites entre os organismos sociais e naturais. Em seu “Estrutura e vida social do corpo”, já mencionado, ele se empenha para demonstrar que uma, pelo menos, das duas restrições opostas por Herbert Spencer à teoria orgânica da sociedade é nula ou vazia. No § 2, Cap. III, de sua “Introdução”, intitulada “Analogias e Diferenças entre Organismos, Texturas, Células e substâncias intercelulares de Plantas, Animais e de Sociedades”, ele enuncia a ideia de que o caráter discreto atribuído por Herbert Spencer ao organismo social não constitui nenhuma diferença essencial entre sociedades e plantas ou animais (p. 53). E no próprio livro, 1ª seção, divisão III, p. 93, ele repete seu argumento enquanto descreve os bens públicos, considerados como a substância intercelular do organismo social. A essência de sua demonstração é a seguinte: “nos corpos biológicos as células não são estreitamente contíguas, mas as conexões ou interstícios entre elas estão preenchidos por uma matéria menos perfeitamente organizada, tais como, *e.g.*, o soro do sangue, &c”. Então, da mesma forma, ele sugere, que em um corpo social as distâncias entre indivíduos certamente existem, mas elas são preenchidas por objetos materiais, também de estrutura inferior, que servem para preservar a conexão entre os órgãos sociais: são estradas, ferrovias, telégrafos, &c., em suma, o que usualmente chamamos de bens públicos em geral.
- 31 Quanto à segunda restrição de Herbert Spencer – *viz.*, o fato de a sociedade não possuir um órgão sensorial específico, mas que cada um de seus membros é feito para sentir prazer ou dor por si só – eu me atrevo a observar que essa afirmação é verdadeira apenas com referência a *certos* organismos e a *certas* sociedades. As sociedades humanas, de fato, consistem em indivíduos que são psicologicamente autônomos e dependem uns dos outros, biologicamente, apenas para a procriação da espécie. Mas Herbert Spencer sabe perfeitamente que esses indivíduos humanos, por sua vez, deveriam ser considerados como associações de indivíduos biológicos de um tipo mais ou menos inferior. Se descermos ainda mais a escala biológica, novamente nos deparamos com seres vivos cuja sensibilidade é difusa e os indivíduos se tornam ainda mais autônomos do que eles são nas sociedades políticas de nossos dias, porque eles não dependem uns dos outros, senão para propósitos reprodutivos ou nutritivos, e parecem estar conectados meramente por um simples laço mecânico.
- 32 Se a sociologia existe para interferir em tais assuntos, ela deveria apenas indagar qual é a razão misteriosa que induz os plástidios ou células elementares a se unir e, assim, formar aquelas sociedades primordiais que são, talvez, o ponto de partida da evolução sociológica, mas que certamente são o ponto de partida de todo progresso na vida vegetal, bem como na animal. Essa razão parece a mais misteriosa porque tais agregações não são impostas de maneira alguma para sua preservação pessoal, pois vemos miríades desses “indivíduos absolutos” multiplicando e prosperando em sua solidão insociável, e mesmo formando estruturas complexas que até observadores eminentes duvidam se eles são realmente monocelulares.<sup>14</sup> Quer eles sejam ou não, eu acredito ser melhor deixar para ser respondido por estudantes de assuntos anatômicos

e embrionários. Mas, já que nós estamos falando sobre sociologia em sua condição atual, fica óbvio que a principal coisa que queremos, antes e acima de tudo, é um esquema racional para classificar de maneira sistemática a rica reserva de fatos biológicos, etnológicos, estatísticos e &c., que a fácil erudição de nossos dias mantém à nossa disposição. Montanhas de magníficos blocos de mármore branco amontoadas e jogadas a esmo não valem tanto quanto a morada mais modesta; e, entretanto, por mais preciosa que sejam esses dados científicos, corremos o perigo de sermos apenas confundidos por eles enquanto não tivermos um plano conveniente para sua classificação racional.

- 33 Eu já dei razões pelas quais o esquema sociológico de Comte parece inadequado à tarefa; e eu espero que ele seja supérfluo para dar outras razões do porquê eu não aceitei apressadamente o esquema sociológico orgânico de “luta pela vida” que, por meio da sutileza acadêmica de M. Schaeffle, conduz-nos diretamente às ásperas peculiaridades de M. Jaeger.
- 34 Da posição intermediária de Herbert Spencer, podemos apenas perceber que ela está conectada com o humanismo de Comte em seu lado prático, enquanto sua própria teoria orgânica, embora restrita teoricamente, aproxima-o da concepção zoológica do objeto da ciência social. Sabemos que tipo de restrições Herbert Spencer cita, mas – e isso deve ser lamentado – o autor não nos dá critérios claros e precisos para julgarmos se a barreira assim criada é forte o bastante para impedir que o domínio sociológico seja invadido por noções meramente zoológicas. Ao menos um dos dois (o caráter discreto das sociedades) poderia ser facilmente dimensionado por M. Schaeffle, e nós já vimos que o autor não o cita como muito substancial.
- 35 Mais substancial, de fato, deveria ser a segunda restrição de Herbert Spencer – viz., que uma sociedade não possui um sensorio especial como os animais superiores e, portanto, um organismo social praticamente não pode permitir qualquer fim ou objetivo, exceto o bem-estar de seus órgãos e membros. No entanto, por mais atraente que possa ser esse ponto importante de seu esquema sociológico, nós devemos reconhecer que a restrição se refere apenas a um caso particular observável em duas espécies de sociedades, mas não é filosoficamente inerente à nossa concepção de organismo ou de sociedade. E, de fato, a polêmica levantada alguns anos atrás pelo Professor Huxley sobre o que ele chama de *niilismo administrativo* de Herbert Spencer, dá-nos a prova suficiente de que o proeminente evolucionista inglês ainda não disse sua palavra final sobre esse importante assunto.

## V.

- 36 O “grande” Colbert, ansioso pelo desenvolvimento do comércio, convocou os mercadores mais ricos de Paris para seguir seus conselhos. “Monseigneur”, disse Hazon, um negociante atacadista de primeira classe da rua St. Denis, “se você é tão gentil conosco, rogo, deixe-nos em paz: o comércio certamente prosperará quando você não se importar nem um pouco com ele”. Essa réplica de um *gros bonnet* parisiense é o próprio lema da teoria política de Herbert Spencer.
- 37 É claro, eu não preciso lembrar meus leitores dos notáveis ensaios publicados pelo autor de “Primeiros princípios” nas páginas dessa mesma *Contemporary Review*, que não sofre interferência governamental. Eu apenas me esforço para afirmar que cada um dos três ramos nos quais a moderna sociologia teórica se divide tem seu próprio programa

político de acordo com suas premissas filosóficas. Assim, o positivismo francês está propenso a um tipo de patriarcado ilustrado, algo como um papalismo científico ou o Tribunal Chinês de Cerimônias. A escola da “luta pela vida” coloca adiante a *Kulturkampf*, seja a Social-democrata ou a Bismarkiana; enquanto Herbert Spencer revive o velho *laissez faire, laissez passer* de Manchester – i.e., a doutrina da não-interferência governamental ou revolucionária.

- 38 Eu não me lembro exatamente quem foi o proeminente homem que disse que o povo “não tem a idade de seus anos, mas a do século em que vive”. Nosso século cresce maduro, i.e., cético, e nenhum homem razoável de nossos dias, provido de mente com a capacidade média de nosso século, adotará qualquer uma dessas três teorias políticas sem ter certeza se ela realmente repousa sobre uma base científica sólida. Lugares comuns banalizados, sinais de desgaste na doutrina metafísica, perderam seu crédito conosco. Um impulso invisível atrai-nos para a reconstituição de uma unidade ética que poderia reconciliar nossa mente com nosso coração, nossos princípios declarados com nossas negociações do dia a dia: mas essa unidade deveria ser estritamente científica. Nossa mente (usando as palavras admiráveis de Comte) consente em ser o ministro de nosso coração, mas nunca mais se tornará seu escravo. A consciência pública está cansada da hipocrisia de tantos anos durante os quais nós praticamos Malthus seis dias por semana, santificando o sétimo pregando Cristo, com sua alusão desrespeitosa aos homens ricos, camelos e agulhas. Nenhum caso prático moral ou político pode ser conscientemente resolvido antes de termos um conhecimento racional daquelas leis gerais pelas quais os homens têm sempre escrutinado os poderes supostos para dominar a Natureza.
- 39 O espírito predominante da natureza geralmente reconhecido pelos homens eruditos de nossos dias é o espírito da evolução, e Herbert Spencer ganhou direitos inquestionáveis à nossa gratidão por ter demonstrado como essa lei geral mecanicamente advém de uma ainda mais universal lei de permanência do movimento. Mas, enquanto seu evolucionismo nos conduz diretamente à tão ansiada unidade intelectual, quanto mais os ramos inferiores do conhecimento são envolvidos, mais importantes são os problemas sociais e nós vemos três teorias políticas essencialmente diferentes, cada uma delas pretendendo ser o último e mais genuíno fruto da raiz da evolução. Ademais, conhecemos também outras doutrinas políticas que assombram as mentes modernas, e que geralmente são postas juntas sob o nome de *revolucionárias*, por conta das posições aguerridas de seus aderentes em relação à política, à ação e aos poderes sociais regularmente constituídos.
- 40 Se nós seguirmos passo a passo os mais proeminentes líderes das teorias políticas acima mencionadas, dificilmente conseguiríamos um ponto de vista conveniente para resolver com precisão qual deles deve ser considerado como a mais autêntica progênie de seu suporte evolucionista comum. Para este fim, nós somos compelidos a escolher uma posição independente, a partir da qual podemos avaliar ao mesmo tempo o mais inquestionável resultado científico de todas elas e rastrear por conta própria o risco e perigo de algum caminho estreito que nos conduz diretamente da base física para o topo sociológico da evolução.
- 41 Partindo do princípio da unidade e continuidade da vida, não é necessário que repitamos que qualquer classificação de fenômenos cósmicos e de seus ramos científicos têm sua razão, não na própria realidade, mas apenas na impossibilidade inerente à nossa mente de perceber a unidade sem confusão. Uma divisão racional do

organismo científico em um número de ramos ou séries deve ser estritamente conforme às séries de fenômenos naturais para cada um dos quais somos capazes de explicar por meio de uma única lei geral. Assim, retornando à classificação da ciência de Comte, vemos que ele considera como os mais distintos ramos a astronomia, a física e a química. Mas, todos os fenômenos concretos observáveis no domínio de cada uma dessas ciências já são explicáveis em nossos dias por meio de uma única lei – a da gravitação, cientificamente exposta por Newton. Hoje em dia, nós não estamos apenas autorizados a considerar filosoficamente o calor, a luz, a eletricidade e a afinidade química como as várias transformações do movimento mecânico, mas também aprendemos vários processos práticos para os converter uns aos outros à nossa vontade. Consequente, podemos simplificar a classificação do grande positivista francês sem contradizer seu próprio método filosófico, ou a lei fundamental da evolução, e assim atingimos o primeiro termo de uma classificação racional das ciências, que pode ser denominada *anorganologia*.

- 42 Mas, não podemos ascender na escala da evolução natural sem nos deparar com ordens de fatos que nossa mente não é capaz de explicar sobre o simples fundamento da lei newtoniana da gravitação: esses, nomeadamente, são os fenômenos complexos da vida orgânica; e, desde os tempos de Charles Darwin, sabemos que toda a vasta série de fenômenos concretos pode ser razoavelmente referido em um único princípio científico, que é a lei da luta pela vida, com todas suas bem conhecidas consequências lógicas. Assim, tornamo-nos capazes de alcançar todos os vários ramos de conhecimento que lidam com os diferentes estágios da vida orgânica individual sob uma única bandeira, suportando o célebre lema darwinista – Luta pela vida.
- 43 *Difficile est communis propria dicere*, e estou ciente do fato de que a atenção de meus leitores logo se cansaria dessa aparente repetição da lição básica do evolucionismo. Infelizmente, no entanto, assim, eu sou obrigado a me aprofundar ainda mais nas conexões realmente existentes entre anorganologia e biologia, ou ainda, entre as províncias concretas próprias a cada uma dessas ciências.
- 44 Obviamente, não precisamos muita perspicácia para distinguir um asno de uma flor ou ambos de uma rocha. Mas, quanto mais alargamos nosso conhecimento da vida natural, menos nos tornamos capazes de restituir o limite entre organismos vegetais e animais ou entre organismos gerais e corpos minerais. As duas grandes ordens da vida cósmica – o orgânico e o inorgânico – não estão sobrepostas como estratos geológicos em algumas partes da crosta terrestre, mas eles se entrelaçam uns aos outros, ramificando-se cada vez mais, até que seus ramos se tornem infinitesimais, como a capilaridade das artérias e veias no corpo humano. Ainda mais. Nós estamos seguros de que a distinção que fazemos entre séries inorgânicas e orgânicas corresponde a diferentes domínios realmente existentes e isso não se deve meramente à impossibilidade de nossa mente de considerar certos fenômenos no campo de uma única lei, sem a adição de uma nova, mais limitada? Eu não sei; mas mesmo que a segunda suposição seja verdadeira, ainda assim não poderíamos abandonar a distinção entre *anorganologia* e *biologia* sem confundir o pouco que sabemos da realidade.
- 45 A vida inorgânica não desaparece onde começa a vida orgânica, e, sob mais de um aspecto, o corpo humano mais perfeito se comporta apenas como qualquer corpo físico poderia fazê-lo em condições similares. Cada passo seguinte da evolução implica em todos os passos precedentes *mais* algo que não foi perceptível antes, ou, talvez, nem sequer existisse lá, exceto virtualmente. *Iguanodon*, *Pterodactylus*, &c., podem não viver

nos nossos dias, mas podemos vê-los facilmente, devidamente aprimorados e corrigidos nos vários animais de nossa época zoológica atual. Indivíduos, e até espécies, mortos que não puderam suportar os melhoramentos requeridos pelo progresso da evolução zoológica, mas o tipo, ao invés de morrer, vive com uma intensidade altamente aumentada. Portanto, nós poderíamos procurar por um domínio natural onde a lei da gravitação abdicou seu poder em prol da luta pela vida, nós certamente estaríamos perdidos; nem poderíamos pontuar qualquer província natural onde a vida inorgânica é substituída inteiramente pela vida orgânica. Nosso melhor motivo para distinguir estritamente a biologia da anorganologia é que não podemos considerar satisfatoriamente os fenômenos orgânicos apenas pela gravidade: o *excedente* acima mencionado acumulou a tal ponto que nós devemos procurar um princípio específico.

- 46 Consequentemente, a melhor definição da anorganologia seria a de ciência que explica os fenômenos cósmicos apenas na perspectiva da lei newtoniana, se eles ocorrem nos céus ou na terra, em uma rocha ou em um corpo humano. A biologia, então, é aquela ciência que descreve os fenômenos cósmicos requerendo a adição de leis mais específicas – viz., a lei darwinista da luta pela vida e o transformismo. Tais fenômenos, de fato, são observáveis apenas nos indivíduos,<sup>15</sup> mas esses indivíduos podem ser plástidos microscópicos ou extremamente amplas agregações dos indivíduos mais perfeitos, denominados *zoïds* na classificação de M. Cattaneo: mesmo assim, os fenômenos devem referir-se ao domínio biológico, na medida em que eles sejam explicáveis pela base da lei darwinista (luta pela vida ou competição), que não é um *deus ex machina*, mas apenas uma síntese de inumeráveis ações mecânicas, físicas e químicas.

## VI.

- 47 Voltando agora à questão preliminar da sociologia teórica, nós a encontramos de maneira muito simplificada por essas observações resumidas. De fato, não precisamos mais nos preocupar com as teses controversas – se a sociedade é ou não um organismo vivo e se existe ou não uma divisão morfológica entre indivíduos e sociedade. Sociedades podem ser indivíduos exatamente como os animais mais perfeitamente organizados são, por seu turno, meros corpos físicos, mas a sociologia ainda pode ser uma ciência tão real, ou ainda racionalmente, distinta da biologia, como a própria biologia é diferente da astronomia, física ou química.
- 48 À primeira vista, parece que a teoria orgânica das sociedades é de interesse capital e que, quando garantimos que a sociedade é um ser vivo e que cresce, nós concluímos de antemão que nenhuma interferência, governamental ou revolucionária, é desejável em assuntos sociais: assim, vemo-nos compelidos a adotar a teoria política de Herbert Spencer. Mas, assim parece apenas à primeira vista. Mais inquestionável é que a batata cresce e que nenhuma colheita delas pode ser produzida se cultivamos nabos em seu lugar. Mesmo assim, todo agricultor sabe que a política de deixá-las sozinhas, nesse caso, não é recomendável de nenhuma maneira, e que a colheita depende diretamente do cuidado inteligente prestado ao seu crescimento. Nossos meninos e meninas também crescem, e até podemos admitir que em oito de dez casos seria melhor deixá-los crescer sozinhos ao invés de submetê-los à atenção pedagógica que está florescendo nas várias boas escolas públicas e privadas. Mas nós poderíamos razoavelmente fingir que nenhuma educação é preferível à menor parcela de educação racional?

- 49 Parece claro que não podemos buscar por nenhuma região natural ou província que poderia ser chamada de sociológica por completo e, assim, monopolizada por estudos meramente sociológicos, porque não existe tal região no mundo que poderia ser denominada orgânica no sentido absoluto da palavra, exclusivo dos fenômenos de um caráter inorgânico inferior. A única questão a ser resolvida é – se existem ou não séries de fenômenos não-explicáveis pela lei da mecânica newtoniana suplementada pela lei biológica darwinista de luta pela vida ou competição? Se não houver, então nenhuma sociologia é de todo necessária, e devemos dizer que o organismo científico alcançou seu crescimento pleno desde que anorganologia é complementada por uma biologia baseada em tal raciocínio e estritamente científico, como é a específica lei do transformismo moderno. Mas quando existe tal série de fenômenos, então fica claro que o binômio das séries científicas – anorganologia e biologia – deve ser completado por um terceiro termo superorgânico (na acepção dada à palavra por Herbert Spencer), que não pode ser outro, senão a sociologia. Se esses fenômenos são peculiares apenas à espécie humana – como na opinião de Comte – ou se eles são observáveis nos zoóides de estrutura anatômica inferior – que é a opinião de alguns proeminentes biólogos modernos – ou, ainda mais, se podemos encontrá-los em todas regiões morfológicas inferiores das colônias ou mesmo dos plastídios – essa é apenas uma questão secundária, que será resolvida satisfatoriamente assim que solucionarmos (e que não pode ser razoavelmente resolvido antes) a questão preliminar dos limites, métodos específicos e do próprio objeto da sociologia.
- 50 Teoricamente, nenhum dos adeptos mais zelosos da escola orgânica em sociologia chega ao ponto de negar que a conclusão da série científica binomial acima por um terceiro, um termo sociológico, seja altamente desejável; e vimos que M. Jaeger modestamente admite que podem existir entidades sociais de ordem superior não incluídas em seu domínio zoológico. Mesmo assim, após analisar as páginas citadas acima, não podemos deixar de ficar ansiosos com a atividade de um “Sociolog der Zukunft”, uma vez que a partir de uma mera figura da classificação zoológica é capaz de convencer todo homem razoável de que Estados *acéfalos*, seja a grande República Americana ou a Suíça, são irrevogavelmente, *von Hause aus*, sentenciados por uma lei natural a alternar tortuosamente entre oligarquia e tirania, a menos que eles preferiam “perecer prematuramente”; enquanto os benefícios inquestionáveis da *Kulturkampf*, dos quais não há salvação, são avidamente monopolizados por pessoas que lutam pela existência adotando uma monarquia nacional baseada em uma família *cefálica*, &c.
- 51 Ninguém duvida há muitos anos que a luta pela existência é um poderoso agente da evolução. Resta apenas decidir se ela é realmente uma lei científica (e, como tal, ela deve ser necessariamente limitada), ou então um tipo de *deus ex machina* responsável por todos, uma Providência materialista que permeia autocraticamente toda a criação.
- 52 Eu devo observar que, se o princípio de luta pela existência pudesse explicar cientificamente os fenômenos sociais, então o grande mérito de Charles Darwin ficaria menor a meus olhos, porque então pareceria que a mais importante obra filosófica de nosso tempo não seria seu “A origem das espécies”, mas o “Ensaio sobre a população”, de Malthus. De fato, o transformismo moderno (Alfred R. Wallace explicita seu estado) está baseado na aplicação à biologia da mesma lei da competição que Malthus, ainda em 1798, afirmava ser a lei fundamental da vida social do homem. Assim, os mais modernos escritores da escola sociológica da luta pela existência, longe de serem a semente de algo novo e produtor do progresso futuro ainda desconhecido, estão meramente

repetindo uma doutrina desgastada que, depois de ser desdobrada apenas um passo adiante por Ricardo, logo perdeu todo seu valor científico com J. B. Say, e não cedo reconquistou alguns incontestáveis direitos de nossa atenção com Rodbertus e K. Marx, o que a arremessou no fundo do mar do socialismo moderno. Parece óbvio que a vulgarização dos axiomas Malthusianos, agora traduzidos no jargão biológico dos sociólogos orgânicos, não podem render nada mais do que eles já renderam em sua forma original das renomadas “progressões” com suas proporções não-estatísticas e com seu *couronnement de l'édifice* ético da moralidade mais ou menos restrita à procriação.

## VII.

- 53 O mérito brilhante de Darwin reside especialmente na incrível perspicácia com que seu gênio transformou a desgastada tese político-econômica no próprio princípio de regeneração, não apenas para a ciência biológica de nossos dias, mas também para toda a moderna filosofia. Esse milagre poderia se realizar apenas por sua clara percepção do fato de que a grande lei da competição ou luta pela vida, indevidamente aplicada pela economia política malthusiana a uma série de fenômenos pelos quais ela não pode explicar, é realmente o princípio capital que permeia a vida individual completamente. Desde a lei de Malthus, afirmando que o número de competidores sempre excede os meios de subsistência, é verdadeira para com os animais, podemos logicamente prever que ela não funcionaria para as sociedades humanas; porque os animais, sendo mais prolíficos que os homens, simplesmente consomem a comida que encontram prontamente na Natureza, enquanto as mais simples tribos humanas – desde que elas possuam alguma organização social – geralmente produzem uma grande parte daquilo que eles consomem; e a escravidão, que surge no mais baixo grau da evolução humana, nos oferece a prova suficiente de que, mesmo em condições de pobreza, homens unidos em sociedade produzem mais alimento do que é estritamente requerido para a subsistência de todos eles.
- 54 Herbert Spencer afirma com todas as evidências necessárias de que a lei geral da evolução é a permanência da força e podemos segui-la completamente por todo vasto domínio dos estágios inorgânicos da evolução sem sermos obrigados a aplicar nenhuma outra lei. Somente quando nos deparamos com a multiplicidade de seres organizados que uma lei específica é requerida e, então, Charles Darwin traz filosoficamente sua luta pela existência, que explica cientificamente inúmeras transformações dos indivíduos vivos. Do fato de que a vida social é o complemento natural da vida individual, nós não estamos autorizados a inferir que a lei fundamental dos modos de ser individual e social devem ser idênticos: a vida orgânica é, também, apenas um complemento da inorgânica, mas requer sua lei específica. Em muitos casos, podemos facilmente ver como a luta pela vida impele homens e animais, à constituição de uma liga ou sociedade; mas então podemos afirmar *a priori* que as leis de uma aliança não são as leis da guerra. Em vários outros casos, a ação social parece não lhes ser imposta considerando a preservação pessoal; mas é claro que as raízes da vida social devem estar profundamente enterradas em suas necessidades e carências fisiológicas, egoísmo, altruísmo ou o que quer que seja.<sup>16</sup> Não estão também as raízes da vida orgânica enterradas profundamente nas propriedades físicas e químicas da matéria? Além disso, nós não conhecemos também um número menor de casos em que a

sociabilidade não é apenas indiferente, mas dolorosa e perigosa do ponto de vista da competição e da preservação de indivíduos sozinhos.<sup>17</sup>

- 55 Eu não tenho espaço aqui para citar a notável pesquisa de Geoffrey St. Hilaire, nem citar os exemplos que podem facilmente ser reunidos de obras zoológicas e etnológicas. Eu acredito que as poucas linhas seguintes, emprestadas do livro A. Espinas sobre *Sociedades animais*, serão suficientes. Ele diz: “No que diz respeito às *sociedades acidentais*, a utilidade (*l'intérêt*) parece ter a mais proeminente parte e simpatia (i.e., um estímulo não explicável pela lei da luta ou competição) apenas consolida os laços que o interesse já havia formado. Entre aqueles que têm um interesse em formar sociedades, apenas aqueles que realmente a fazem são os que estão propensos à simpatia mútua. Quanto às sociedades *normais*, formadas por animais da mesma espécie, elas são induzidas a dar o primeiro lugar à simpatia, admitindo os instintos de preservação apenas como um elemento que consolida as uniões estabelecidas pela simpatia”.
- 56 Adicionalmente, eu já mencionei mais de uma vez as primeiras agregações de plastídios, que realmente são o ponto inicial do progresso morfológico, ainda não sendo considerados racionalmente pela lei de luta pela vida, e parece bastante questionável que eles podem ser. Ao menos, um zoólogo erudito, Prof. Kessler, de São Petersburgo, em um artigo lido diante da Sociedade Zoológica dessa cidade, insistiu sobre a necessidade de aceitar a lei da sociabilidade, ou cooperação, como um poderoso agente biológico do progresso. De fato, não podemos perceber nenhuma vantagem pessoal decorrente do fato de as células ou plastídios serem agregados e, assim, formar o primeiro rudimento de um organismo social ou coletivo, ao invés de procurar seu aprimoramento individual, como eles poderiam fazer, se não houvesse um princípio completamente distinto da luta permeando os graus superiores da evolução cósmica em seus estágios orgânicos.
- 57 Onde quer que vejamos o fenômeno da associação – seja na forma de um organismo vegetal e animal ou na mais perfeita comunidade humana – não podemos deixar de detectar algo novo, essencialmente distinto da lei da competição ou luta individualística, assim como a lei específica darwinista é distinta da lei da gravitação universal de Newton. Existe algo que é, nomeadamente, o consenso de um número de forças mais ou menos individualizadas que visam um fim, não apenas pessoais para um de seus aliados, mas comum a todos, e isso é o que chamamos de *cooperação*.
- 58 Tais fatos característicos, próprios a todos fenômenos de uma série, são exatamente o que chamamos de um princípio ou lei científica. Portanto, não podemos evitar o reconhecimento de um princípio superior ao da luta e que somos induzidos a completar a série binomial das ciências mencionadas acima por um terceiro termo – viz. Sociologia – cuja lei específica é a *cooperação* (assim como a luta pela vida é a lei específica da biologia), e o objeto que é a investigação dos meios e maneiras naturais pelas quais, em vários estágios da evolução, é obtido um consenso das forças organizadas individuais que visam um fim comum a todos eles. O próprio domínio dessa ciência superorgânica inclui cada departamento do mundo organizado (sendo óbvio que a socialização deve implicar organização, e que nenhuma sociedade pode ser fundada onde as forças atuantes não são biologicamente individualizadas), onde a cooperação é observável. O único critério da ciência social é, portanto, a cooperação, sejam os indivíduos cooperantes homens ou animais, zoïds ou plastídios.
- 59 Herbert Spencer está perfeitamente certo ao negar o caráter da sociedade<sup>18</sup> a um grande número de pessoas ouvindo uma palestra; mas eu duvido que a razão na qual ele

baseia essa declaração – viz., a não permanência de tais agregações, é adequada. Poderíamos facilmente exemplificar várias agregações bastante temporárias, cujo caráter sociológico parece ser inquestionável, desde que vejamos nelas a convergência de forças individuais para um fim comum, que é o único critério de uma sociedade. Por outro lado, as agregações de homens, ou outros zoïds, pode ser permanente sem sermos obrigados a considerá-los como fenômeno sociológico, porque essa característica de cooperação pode ser desejada conjuntamente. Dois homens carregando um fardo pode ser considerado como um rudimento sociológico, ou célula, mas cem homens alojados em uma casa por uma vida, ou que se encontram todos os dias durante vinte anos na biblioteca do Museu Britânico, não apresentam qualquer embrião apreciável de sociabilidade. Uma nação talvez possa ser considerada como um *dem*, ou entidade biológica, mas antes de explicá-la por seu caráter sociológico, devemos nos indagar se existe alguma cooperação, e em qual grau, entre os indivíduos que formam o todo político, e de que maneira esse grau de cooperação é obtido.

- 60 Nos graus mais baixos da evolução biológica, indivíduos de uma estrutura anatômica primordial (células e plastídios) não podem formar uma colônia ou sociedade sem aderir mecanicamente uns aos outros ou serem conectados por algum laço mecânico. Passo a passo, uma divisão do trabalho fisiológico, com sua consequência natural, *subordinação*, começa a ser observada com indivíduos então conectados apenas por laços físicos. Prof. Huxley, em sua polêmica contra Herbert Spencer, afirma com razão que os mais perfeitos seres zoológicos demonstram essa subordinação levada ao grau extremo. Nos zoïds de uma estrutura anatômica superior (aves, mamíferos e homens), notamos a sensibilidade completamente concentrada em um sensorio específico e indivíduos que cooperam perfeitamente obedecendo aos interesses do todo, que sua personalidade psicológica desaparece e eles se tornam meros órgãos. Eu devo, no entanto, observar que, quando dizemos, está quente, não é porque o mercúrio sobe no termômetro, sendo este apenas um índice da elevação da temperatura ao redor; e podemos ir ao ponto em que o mercúrio congela ou ultrapassa o ponto de ebulição. Devemos então buscar por outro critério para o aumento ou decréscimo da temperatura. Então, o progresso da subordinação nos organismos biológicos superiores é apenas um sinal morfológico de uma cooperação maior obtida do que é possível com um menor grau de subordinação ou com um laço mecânico ainda mais primordial. Mas, a evolução não para nesse ponto, e os indivíduos biológicos superiores, produzidos por tal ação cooperativa de órgãos baseados na subordinação, que, por sua vez, unem-se e formam agregações ou sociedades de tipo superior, denominados *dems*.
- 61 Os laços que mantêm unidos os membros dessas sociedades superiores variam muito: ele podem ser parcialmente mais ou menos mecânicos, como aqueles que são característicos de ordens sociais inferiores, mas seus mecanismos nunca chegam tão longe quanto uma aderência direta (que é o que Herbert Spencer define como o caráter *discreto* das sociedades em oposição ao caráter concreto dos animais) ou como qualquer membrana vascular como aquelas que unem os indivíduos em uma colônia de moluscos; eles também podem ser parcialmente baseados na divisão do trabalho, mas a subordinação aqui nunca atinge o ponto no qual a autonomia fisiológica dos indivíduos desaparecia e eles se tornariam meros órgãos.
- 62 Mas, enquanto no outro lado da evolução sociológica a aderência mecânica (1º grau) e subordinação (2º grau) estão decrescendo consideravelmente, um modo altamente superior de obter cooperação começa aqui a ser apreciável – viz., consenso voluntário e

consciente dos membros do *dem*, ou comunidade (3º grau). Duvido que uma sociedade humana ou animal possa ser encontrada com aquele elemento específico de consenso consciente e voluntário completamente ausente, mas ele pode interferir em vários graus. Quanto mais o elemento superior prevalece sobre os dois inferiores (viz., agregação mecânica e subordinação), mais a cooperação obtida é consciente e voluntária, e ainda mais a sociedade é avançada em seu caminho evolutivo. Consequentemente, sempre que desejamos explicar sociologicamente um fenômeno concreto de agregação ou comunidade, devemos considerar:

1. A quantidade de cooperação produzida.
  2. Os meios, mais ou menos conscientes e voluntários, para obter consenso das forças individualizadas visando um fim não pessoal para um dos aliados.
- 63 Exemplos podem ser mencionados na história e etnologia das sociedades não altamente civilizadas, cujos membros desfrutavam de uma liberdade desconhecida nas mais liberais monarquias europeias e repúblicas de nossos dias: tais eram as comunidades dos Cossacos no sul da Rússia no século XVII, e tais são, se acreditarmos em M. Raffray,<sup>19</sup> os Shakos abissínicos. Mas esses povos possuem cooperação em um grau que pareceria muito escasso no nosso ponto de vista civilizado. Por outro lado, vemos regiões geográficas – *e.g.*, o baixo vale do Nilo ou do Yang-tze-Kiang e Hosang-Ho – onde as condições físicas requerem dos habitantes muito mais cooperação do que eles foram capazes de produzir livre e conscientemente no seu estado de civilização; e, de fato, aqueles países sempre foram, e ainda são, clássicos por seu despotismo, seja político, de casta ou qualquer outro que seja.
- 64 Eu resumo em poucas palavras:
1. *Restrição mecânica*, que é compatível apenas com os estágios inferiores da vida individualizada (biológica).
  2. *Subordinação* por especialização do trabalho ou por tirania política (que é apenas um caso particular do anterior), sempre degradante para a maior parte dos indivíduos unidos, se não para todos eles; e
  3. *Consenso* cada vez mais *consciente e voluntário*.
- 65 Esses são os três estágios da evolução sociológica, e, eu penso, a razão de progressão é tão facilmente apreciável, que eu não preciso alongar-me particularmente sobre ela. Isso resulta que, tão logo um fim pode ser cientificamente designado para a evolução social, este fim só pode ser um: nomeadamente, a anarquia – *i.e.*, uma grande quantidade de cooperação de indivíduos autônomos tão perfeitos quanto sua organização biológica permite, e que a quantidade de cooperação não produzida por nenhum laço mecânico, nem por qualquer subordinação, nem por restrições fisiológicas ou políticas, mas plena e completamente por sua própria consciência e livre-arbítrio na aceção psicológica moderna dos termos.
- 66 Se isso agrada ou desagrade ao *Kulturträger* erudito de todas inclinações, pois a última palavra da teoria científica da evolução é que esta palavra terrível, anarquia, é tão eloquentemente anatemizada *ex cathedra* pelos sociólogos darwinistas e tantos outros.

## VIII.

- 67 Se revisarmos a evolução da vida cósmica no passado tão longínquo quanto ele é observável por métodos estritamente científicos, somos compelidos a reconhecer que uma quantidade grande de progresso já foi efetuado nos domínios físicos, biológicos e

mesmo sociológicos, sem nenhuma interferência aparente da vontade humana consciente nos assuntos cósmicos. Falando antropomorfologicamente, podemos dizer que a evolução tem um objetivo, que esse objetivo é o progresso e que a Natureza o alcança com certeza e praticamente sem a nossa preocupação consciente e intencional sobre ele.

- 68 Mas não devemos esquecer que o progresso da evolução pode ser afirmado apenas enquanto o todo cósmico é considerado e que sua trajetória é repleta de cadáveres de indivíduos, nações e mundos que caíram porque não podiam se manter diante das transformações requeridas pelo incansável progresso da evolução.
- 69 Podemos certamente afirmar que a lei da sociedade futura é a anarquia, e que ela certamente será alcançada pela Natureza deixada sozinha. Mas o progresso distante de qualquer sociedade particular dos dias atuais não está de maneira alguma garantido por qualquer lei natural imóvel da evolução. Teoricamente, isso pode ser um consolo para nós sabendo que, se não prosperarmos em nossas vidas por causa de nossa incapacidade de suportar as mudanças demandadas pela evolução, alguém certamente prosperará; mas, praticamente, é-nos permitido desejar que os prósperos sejamos nós mesmos.
- 70 Dr. Lange, embora não seja um sociólogo profissional, ensina-nos que o caminho do progresso na evolução não é retilíneo, e ele mesmo desrespeitosamente compara a tão falada Providência cósmica ou histórica a um caçador que, para matar uma lebre, dispara cerca de um milhão de tiros em todas direções. A lebre é assim atingida, claro, mas muitas pessoas desconhecidas também, sem contar na quantidade de pólvora gasta em vão. Por outro lado, Charles Darwin cita vários exemplos da interferência da inteligência humana nos assuntos biológicos atingindo diretamente o fim que poderia levar séculos para se completar por meios alternados da evolução natural isolada. O único cuidado necessário para o sucesso de tais interferências é a segurança de que nosso fim pessoal não saia do caminho da evolução. Desde que vejamos que o resultado da progressão sociológica natural é a anarquia, a única questão que permanece para ser respondida refere-se aos métodos e práticas que levam mais diretamente a esse ideal social do futuro.
- 71 Mas não é a evolução exclusiva, da revolução nesse sentido, que flui como uma corrente majestosa e pacífica – isto é *abhorret saltum* – enquanto a revolução parece conter em cada sílaba de seu nome terrível algo catastrófico, cheio de dor e comoção? Pergunte a um geólogo moderno se tais episódios revolucionários como o terremoto de Ísquia ou a erupção do Krakatoa foram apagados da história de nossa terra, agora que nós sabemos que sua crosta é formada não por cataclismos, mas por evolução? Pergunte a uma mãe se sua criança não esteve em uma agitação dolorosa e, talvez, mais de uma vez em perigo de morte cada vez que a dentição despontou, na passagem para puberdade, &c, que aparecem como marcos enunciando o caminho natural de nossa evolução individual?
- 72 Em um de seus mais notáveis ensaios, Herbert Spencer afirma que a própria fonte da qual cada governo constituído extrai o melhor de seu poder é “o sentimento acumulado e organizado do passado, [...] a opinião formada gradualmente por incontáveis gerações precedentes”, que mesmo nos países mais Liberais de nossos dias constituem poderes que são muito menores do que comumente pensamos, controlados menos “pela opinião pública dos vivos” e mais “pela opinião pública dos mortos”. Essa afirmação aponta a razão pela qual nossa atmosfera social se torna tão brevemente impregnada com

miasmas mortais, emanações das tumbas de gerações passadas, quando uma brisa refrescante do futuro não a purifica, soprando-a através de uma ação revolucionária.

---

## NOTAS

1. Do latim, *exempli gratia* (Nota do Tradutor).
2. Do latim, *id est* (Nota do Tradutor).
3. Do latim, *Videlicet* (Nota do Tradutor).
4. Romanes, vários escritos; e também Herzen, “*Studii fisiologici sopra la volontà*”.
5. “*Le colonie lineari e la morfologia dei molluschi*”.
6. *Compare & cetera* (Nota do Tradutor).
7. Ver a *Revue Philosophique* de M. Ribot, de 1883, *passim*. Vol. L.
8. A expressão alemã *kulturkampf* (luta cultural) designa o processo ocorrido após a unificação da Alemanha pelo qual o Estado Imperial impôs seus valores frente às crenças então dominantes alimentadas pela Igreja Católica Romana, envolvendo aspectos simbólicos e práticos, como a política educacional. Por extensão, o termo é utilizado para as campanhas de secularização da sociedade movidas pelos Estados-nações modernos contra as autoridades religiosas, que teve lugar em países europeus e nos Estados Unidos no final do século XIX (Nota do Tradutor).
9. Eu posso citar, *e.g.*, na França, “*l’Homme et la Société*” Par le Dr. G. Le Bon, ou Dr. Letourneaus “*La Sociologie par l’Ethologie*” &c.
10. Alfred Espinas, “*Des Sociétés Animales*”.
11. Waitz e Gerland “*Anthropologie der Naturvölker*”.
12. Elie Reclus, “*Les Naïrs*,” in M. Lanessan’s *Revue Internationale des Science Biologique*.
13. Brun-Rollet, “*Le Nil Blanc et le Soudan*”.
14. Ed. de Claparède e Lachmann “*Researches on Infusoriae*”.
15. Alguns cosmologistas modernos afirmam que estrelas - nossa terra com sua lua ao menos - devem ser consideradas como corpos orgânicos. S. L. Brother. “*Histoire de la Terre*”. E é claro que se quisermos garantir para eles qualquer individualidade, a atração de massas menores por maiores poderia também assumir um caráter de luta.
16. Uma informação interessante sobre isso pode ser apreendida no bem conhecido trabalho do Prof. Van Benoden sobre “*Parasitismo, mutualismo e comensalismo dentro os animais*”.
17. Ver A. Espinas, “*Des sociétés Animales*”.
18. “*Principles of Sociology*”, *loc. cit.*
19. *L’Abyssimie* por Ach. Raffray.